

## AS NOVELAS DE CAVALARIA E O IMPORTANTE PAPEL DESIGNADO A CERVANTES COMO O AUTOR QUE MELHOR CONTEXTUALIZOU UMA ÉPOCA.

Cristiane Magalhães BISSACO<sup>1</sup>

**RESUMO:** As novelas de cavalaria têm expressado desde o século XVI o espírito de coragem e luta que estava destinado a homens valorosos. Este estudo tem por objetivo apresentar a vida e a obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra, ícone máximo na literatura da Espanha que tem sido alvo de estudo e discussão por vários outros autores, assim como sua obra mestra foi traduzida a vários idiomas e lida por um sem número de gerações. É também objetivo desta pesquisa associar o período literário ao período histórico em que está inserido, levando o leitor a perceber a grandeza das relações econômicas dadas naquele momento, o que pode ser conceitualizado atualmente como o primeiro momento do processo de globalização. É por meio de uma linguagem rebuscada e enlouquente que o leitor de *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, não se limita a perceber na obra momentos de aventura e humor, mas também é tomado enfaticamente pela síntese da cultura espanhola, no que diz respeito à aceitação consciente da realidade e à valorização do mundo das possibilidades. Há na obra a trágica luta do homem que impulsionado pelos ideais generosos choca dolorosamente com a realidade e fracassa em seus nobres propósitos, recebendo golpes como recompensa. Para perceber a grandesa da obra é preciso ir além do humor imediato e entender o reflexo de um povo que se inseria no contexto da Contra Reforma espanhola, há que perceber a luta por ideais e a crença de um amanhã melhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Espanhola, Prosa, Novelas de Cavalaria.

**ABSTRACT:** *Cavalry novels have expressed the spirit of bravery and struggle related to great men since the sixteenth century. This paper aims at presenting the life and work of the Spanish writer Miguel de Cervantes y Saavedra, who is the greatest Literature icon in Spain and, there fore, has been the focus of studies in the several languages his works were translated to. This research also aims at establishing a relation between Literature and History which might take the reader to realize the greatness of the economic relations of that time, currently conceptualized as the first steps for globalization. By reading an ornamented and eloquent language the reader of El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha is not limited to notice the adventure and humor present in the story, but he or she is also moved by the Spanish culture, considering their conscious acceptance of the reality and their given value for the world of possibilities. The novel presents the tragic struggle of an idealistic man shocked by the painful reality that leads him to the failure of his noble intents, receiving blows as reward. In order to realize such greatness of writing, it is necessary to overcome the immediate humor tone and understand the reflex of a people who lived in a time of "Contrareforma" and fought for their ideals and believed in a better tomorrow.*

**KEYWORDS:** *Spanish Literature, Prose, Cavalry novels*

## 1. Introdução

Após a leitura de vários artigos de uma revista acadêmica específica de História Econômica comecei a refletir sobre a importância da obra de Miguel de Cervantes y Saavedra em seu contexto histórico. Segue aqui um breve relato dessa leitura.

Segundo Giráldez (2005), a vida e a obra de Miguel de Cervantes coincidem com o primeiro ciclo da globalização. Já que, o principal motor da economia mundial foi o comércio da prata entre os mercados americanos e a Ásia. A nova economia mundial se desenvolveu ao mesmo tempo em que a "revolução militar" no eixo Europa-Ásia. Essas novas realidades políticas e econômicas impulsionaram os intercâmbios que irrevogavelmente mudaram a história do mundo.

Durante a vida de Miguel de Cervantes, o mundo mediterrâneo sofre uma transformação no que diz respeito à divisão de poder, tanto político como econômico. Bunes Ibarra (2005) tenta fixar uma síntese deste processo do que Cervantes é testemunha direta, tanto em sua trajetória pessoal como nas obras que nos deixou.

Ocampo Suárez\_Valdés (2005), infere a relação da história econômica liberal em um contexto da obra de Cervantes. Nesse mesmo sentido, Yub Casalilla (2005), em seu estudo, estabelece uma relação entre as histórias intelectual e econômica. O autor afirma que as representações mentais afetam às decisões e variáveis econômicas, ao mesmo tempo em que as realidades econômicas influenciam na evolução das idéias.

O estudo de Mantecón Movellán (2005) permite caracterizar a prática judicial a partir de alguns pressupostos, como o fato da autoridade do monarca em Castela nos primeiros anos da Idade Moderna ser exercida no plano da arte do bom governo.

Martín Corrales (2005) afirma que, em plena coincidência com a gestação e aparição do Quijote, começou a se operar uma troca importantíssima nas relações hispano\_musulmanas. Da extração de produtos baseada na violência se passou a intercâmbios mercantis absolutamente normalizados com países aos que se havia renunciado a dominar.

Assim, quero enfatizar neste estudo que Miguel de Cervantes y Saavedra, foi além de um autor renomado, um personagem associado à história espanhola e mundial.

## 2. Novelas de Cavalaria

É durante a Idade Média (século XV) que surgem as novelas de cavalaria. Adotando os principais recursos estilísticos do latim clássico, a prosa passa a ter um estilo mais rebuscado e enlouquente. Há, segundo López (1996), uso abundante de hipérbatos; um vocabulário pedante e frases desenvolvidas amplamente; também uso de recursos como ritmo, rima, paralelismo, para aproximar-se à linguagem poética. Becker (1958) afirma que “O Don Quijote é a suprema invenção da Espanha. E – com exceção da Bíblia -, o maior monumento literário de todos os tempos. Foi traduzido a muitos idiomas, também lido e comentado em todos os continentes”.<sup>2</sup>

A nobreza sofre uma mudança ao longo da Idade Média, transformando-se em uma classe social mais refinada, cujos dois ideais máximos são o amor e o esforço heróico individual.

Desse modo, quase todos os livros de cavalaria nos apresentam, conforme López (1996), um cavaleiro andante, protótipo de heroísmo e de fidelidade amorosa, que se transforma em defensor da injustiça e dos oprimidos, consegue infinitas vitórias contra todo gênero de personagens fantásticos. Becker (1958) define as novelas de cavalaria como narrações de façanhas fabulosas, realizadas por cavaleiros que encarnam o ideal de perfeição. Representam, para o autor, uma prolongação, em prosa, das primitivas epopéias.

López (1996) afirma serem três as causas que guiam seus atos: a defesa do fraco, o amor por sua dama e o gosto pela aventura. Animado pelo espírito de sacrifício e com o pensamento posto em sua amada, pela qual professa sua adoração quase mística, dedica-se a arduos conflitos dos quais costuma sair triunfante. Essas características aparecem, ainda que de forma irônica, na obra de Cervantes - *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha I* – (1987/1605) como se pode notar no excerto a seguir: “Instituiu-se a ordem dos cavaleiros andantes, para defender as donzelas, amparar as viúvas e socorrer aos órfãos e aos necessitados. Desta ordem sou eu, irmãos cabreiros a quem agradeço o bom acolhimento que deram a mim e a meu escudeiro”.<sup>3</sup>

Os livros de cavalaria receberam grande prestígio no final do século XV e alcançaram seu maior êxito no XVI. O primeiro e mais importante do gênero foi o “*Amadís de Gaula*” que se

atribue, segundo Becker (1958), ao português João de Lobeira, trovador da corte do rei Don Dionís; e foi publicado em 1492 por Garci Rodriguez de Montalvo.

De acordo com Becker (1958) o *Amadís* simbolizou o ideal cavaleiresco da Idade Média: lealdade, valor e amor. Difundiu-se por toda Europa e exerceu influência extraordinária, não só na literatura, senão até nos costumes sociais.

O *Amadís* teve um sem fim de imitadores. Dele derivaram inúmeras novelas, cada vez mais absurdas. A fim de ridicularizar e combater este artificioso tipo de literatura, Cervantes escreveria, mais tarde, o imortal Don Quijote.

No decorrer do século XVI, durante o reinado de Felipe II, existe na Literatura Espanhola, conforme López (1996), uma narração racional e verossímil, oferecendo um mundo artificialmente perfeito e povoado de figuras exemplares como o pastor, o mouro, o amante. Becker (1958) afirma que essa narração segue três direções principais: a cavalesca, a pastoril e a picaresca.

Os livros de cavalaria, derivados do *Amadís*, se fundem em imitações monótonas e descrevem aventuras cada vez mais extravagantes e desorientadas.

### **3. Biografia de Cervantes**

Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616) nasce, segundo Becker (1958) e López (1996), em Alcalá de Henares (próxima à Madri). Vida agitada e errante, com muitas adversidades e sofrimentos. Combate na imortal batalha de Lepanto (1571), quando a armada cristã derrota aos turcos. Nessa ocasião fica inútil da mão esquerda; disso vem seu apelido “o manco de Lepanto”. Prisioneiro cinco anos, em Argel. Resgatado em 1580, leva na pátria uma vida áspera, de modestos empregos e escassez econômica. Duas vezes é levado à prisão, acusado injustamente; em ambas é absolvido.

Sua obra prima é conhecida mundialmente por *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, cume da literatura espanhola e uma das mais únicas criações do espírito humano. Nota-se que o período que introduz a obra é inesquecível para muitos de nacionalidade espanhola que o memorizam, e o proclamam: “Em um lugar da Mancha, cujo nome não quero lembrar-me, não

há muito tempo vivia um fidalgo dos de lança, escudo antigo, cavalo magro e já com dificuldades para caminhar (Cervantes, 1987/1605)”.<sup>4</sup>

López (1996) comenta a formação cultural de Cervantes afirmando que não foi um escritor inculto. Ao contrário, conhecia a fundo o mais importante das doutrinas renacentistas e aos autores - italianos e espanhóis - mais importantes de seu tempo. Nota-se em sua obra as constantes alusões a Aristóteles, Platão, Horácio, etc., ou aos escritores espanhóis contemporâneos, para poder afirmar que, ainda que não fosse um sábio erudito, tão pouco ignorava o essencial do pensamento humanístico.

Na poesia, Cervantes mostrou sempre uma grande afeição ao escrever versos, mas os que compôs não se encontram à altura da prosa. Grande parte de seus versos se encontra intercalados nas obras em prosa.

Na “Galatea” encontramos o “Canto de Calíope”, onde elogia a diversos poetas contemporâneos; na “Gitanilla”, o belo soneto “a Preciosa” ou o gracioso romance “Hermosita, hermosa”; no “Quijote” e o “Persiles”; várias composições nas que às vezes se adverte a influência de Garcilaso, conforme López (1996), um de seus poetas favoritos. Também o teatro contém mostras líricas de tipo popular.

Da produção teatral de Cervantes, a mais importante, de estilo humanístico com data do século XVI, é “El cerco de Numancia”, vibrante apologia do heroísmo espanhol, na que intervêm personagens alegóricos – a guerra, o Duero, a fama... Ainda há as “Ocho comedias” que publicou junto com os “Ocho entremeses” em 1615 e que nunca as viu representadas.

Cervantes começou sua carreira literária com “La Galatea” em 1585, de acordo com López (1996), uma novela pastoril na qual o autor se limitou a seguir um gênero da moda, sem acrescentar nada substancial.

As doze “Novelas Ejemplares” apareceram entre a primeira e a segunda parte do “Quijote” em 1613. Seu autor afirma no prólogo ter sido o primeiro a compor novelas originais em castelhano, sem traduzí-las nem imitá-las de línguas estrangeiras. As “Novelas Ejemplares” podem agrupar-se, segundo López (1996), em duas séries: na primeira, predominam a visão idealista, a intriga complicada – às vezes inverossímil – com personagens aristocráticos, e o estilo elevado; na segunda, uma técnica mais ou menos realista, a descrição de cenas da vida ordinária ou de ambientes sociais baixos, e uma linguagem familiar e rápida, com toques de humor.

#### 4. Estilo de Cervantes

O estilo de Cervantes e suas opiniões sobre a linguagem literária respondem perfeitamente, segundo López (1996), à ideologia renascentista, ou seja, à exaltação do natural e espontâneo e à crítica da vaidade artificiosa.

Ainda que toda a sua obra se ajuste a esta orientação, podem distinguir-se nela dois estilos: um – o da “Galatea”, o “Persiles” e algumas narrações idealistas – muito cuidado e conforme com a sossegada prosa de amplos períodos simétricos do século XVI; o outro – o do “Quijote” e as “Novelas Ejemplares” de tom realista -, simples, animado e solto, que perpetua o tipo de linguagem familiar empregado no “Lazarillo”. Esta segunda modalidade, à que prestam viveza e agilidade freqüentes notas de realismo e humor, é a mais característica da expressão cervantina.

Na obra de Cervantes aparecem esporadicamente alguns parágrafos redatados em um estilo grandilouquente e pomposo que há que interpretar como uma imitação irônica dos livros de cavalarias. Assim o vemos em certas passagens do “Quijote”:

*E (...) acharam a don Quijote na mais estranha vestimenta do mundo. Estava de camisa, a qual não era tão comprida, que na frente cobrisse apenas suas coxas, e atrás tinha seis dedos menos; as pernas eram compridas e magras, cheias de pelos e nada limpas; tinha na cabeça uma touca vermelha, engordurada que era do vendeiro; no braço esquerdo tinha enrolada a manta da cama(...) e na direita, desenhada a espada, com a qual dava golpes a todas as partes, dizendo palavras como si verdadeiramente estivesse brigando com algum gigante.<sup>5</sup>*

Mancing (2003) observa na obra de Cervantes a relação autor e obra, considerando quais vozes aparecem dentro da estrutura narrativa de El Quijote. Segundo o autor, as escolas literárias modernas parecem haver banido o autor histórico de qualquer papel que apareça no texto, e é justamente o contrário o que seu artigo pretende ilustrar. A voz de Cervantes está presente a todo instante por meio dos personagens de sua narrativa. De acordo com Mancing (2003) o autor, no caso Cervantes, deve ser trazido para dentro das considerações em relação à identificação das vozes nas estruturas narrativas de Don Quijote e em suas relações.

## 5. Cervantes e o “Quijote” (Século XVII)

López (1996) relata que a primeira parte do “ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha” apareceu em Madri, capital espanhola, em 1605; dez anos antes da publicação da segunda parte em 1615.

O fidalgo manchego Alonso Quijano perde o juízo a força de ler livros de cavalaria, e, tomando o nome de don Quijote de la Mancha, decide abandonar sua aldeia para atuar como cavaleiro andante em defesa dos fracos. Sua dama será doña Dulcinea del Toboso, nome que inventa para substituir o de Aldonza Lorenzo, uma moça da aldeia por quem já esteve apaixonado.

Sua primeira saída acaba em pancadaria com uns mercadores. Mas, depois da apuração de sua livraria, feita pelo padre do povoado, se lança de novo em busca de aventuras, na companhia de Sancho Panza, que é nomeado escudeiro. Acontecem vários episódios, conforme López (1996) e Becker (1958), como o dos moinhos de vento, o encontro com os cabreiros, o elmo (parte da armadura que protegia a cabeça e o rosto) de Mambrino e a dos cativos. Don Quijote fica em Serra Morena para fazer uma penitência para sua dama, imitando a Amadís; mas ao enviar a Sancho com uma carta para Dulcinea, é descoberto seu paradeiro, e tanto o padre como o barbeiro conseguem fazer com que ele volte ao povoado, usando de uma mentira.

A segunda parte nos conta a terceira saída do herói, quem depois de vencer ao cavaleiro dos Espelhos - o bacharel Sansón Carrasco, companheiro seu, de enfrentar-se com os leões e descer à cova de Montesinos, chega a corte dos duques. Estes se divertem a seu custo (episódio de Clavileño, entrega a Sancho da ínsula Baratária...), até que don Quijote parte para Barcelona, onde é vencido por Sansón Carrasco, que adota desta vez o nome de Cavaleiro da Branca Lua. O bacharel o obriga a voltar ao povoado e o herói obedece, já em sua casa decide transformar-se em pastor, mas fica doente e morre depois de recobrar o juízo e de renegar os livros de cavalaria.

López (1996) acredita que a intenção do autor era a de compor uma paródia, mas uma vez criado o personagem central pode ser que tenha tomado por ele um certo carinho, superando seu antigo propósito e limitando-se a desenvolver a completa personalidade do herói, movido por uma intenção puramente estética.

Os primeiros leitores do Quijote só enfocaram seus elementos cômicos – a loucura do protagonista, sua anacrônica armadura, o ridículo de muitas situações... -. Mas, mais tarde, a atenção se fixou em outros aspectos: a grosseira incompreensão dos que o rodeiam sem descobrir que sua conduta se inspira na bondade, nas cruéis gozações de quem ignora que é o amor que move seus atos e, a final de contas, o infrutuoso de seu heroísmo.

Aqui está porque, desde a época do Romantismo, costuma ver-se no “Quijote” a trágica luta do homem que impulsionado pelos ideais generosos choca dolorosamente com a realidade e fracassa em seus nobres propósitos, recebendo golpes como recompensa.

O valor nacional do “Quijote” deriva de que a grande obra pode considerar-se como uma maravilhosa síntese, segundo López (1996), das duas orientações que definem a cultura espanhola: a que representa a valorização do mundo dos ideais e a que supõe uma aguda consciência da realidade.

Don Quijote faz dos mais altos desejos – o amor, a generosidade, o heroísmo – a razão de sua existência; Sancho vive atento somente à realidade material. É o mesmo plano duplo muito utilizado na literatura espanhola, embora na obra de Cervantes, idealismo e realismo não apareçam como duas posições irredutíveis, senão interferindo-se constantemente como na vida mesma; e assim vemos a Sancho contagiar-se pelos pontos de vista de seu amo e a don Quijote renunciar a seus ideais de cavalaria depois de um acúmulo de experiências amargas.

As duas partes do “Quijote” oferecem, enquanto à técnica novelística, notáveis diferenças, conforme apontado por López (1996).

Na primeira unem-se à ação central várias novelas pequenas que em conjunto vem a ser um modelo dos gêneros narrativos na moda: assim temos a história de Marcela e Grisóstomo (novela pastoril), a do Cativo (mourisca), a de Cardenio e Luscinda (sentimental), a do Curioso impertinente (psicológica) ou o episódio dos cativos (picaresca).

A segunda é, por muitos motivos, mais perfeita que a primeira. O estilo revela um maior cuidado, o efeito cômico deixa de se procurar no grotesco e se consegue com recursos mais depurados, e os personagens adquirem maior complexidade al efetuar-se neles uma evolução. Adverte-se que Cervantes foi tomando simpatia pelos protagonistas e se interessou cada vez mais por sua própria obra, o que dá lugar ao relato uma enorme riqueza de matizes – estéticos e psicológicos – e momentos de grande emoção. Neste sentido talvez seja o mais intenso aquele em

que don Quijote, melancólico, e desenganado depois a derrota de Barcelona recobra o juízo e morre ao ver desvanecidas suas últimas ilusões. No capítulo em que Cervantes parece nos dar a chave para sua obra, pois ao morrer don Quijote, volta a aparecer Alonso Quijano, o bom, para nos mostrar que a mais íntima força de sua alma e o que impulsiona essencialmente seus atos não residia em uma simples mania cavaleiresca, senão na profunda e insubornável bondade. Instante decisivo que confere sentido a toda a narração e nos faz compreender a terrível tragicomédia da vida do herói.

## **6. Breves considerações**

De acordo com Fuchs (1996) há uma disjunção entre verdade e ficção em Don Quijote, que lhe implica um problema literário para o leitor. O autor aponta que é preciso situar o texto de Cervantes em um contexto social que corresponde ao período de Contra Reforma espanhola, desse modo, o leitor poderia entender melhor como Don Quijote interpreta o mundo ao seu redor como um texto literário e de modo contrário, como o mundo se assemelha à literatura. Não se trata de uma leitura simples, nem tampouco do caráter cômico impregnado na obra, mas sim de uma discussão profunda sobre a própria sociedade espanhola do século XVII.

## **7. Referência Bibliográfica:**

BECKER. Idel. *Manual de Español*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

BUNES IBARRA, M. A. de. Relaciones económicas entre la Monarquía Hispánica y el Islam en la época de Cervantes. *Revista de Historia Económica*, Año XXIII (Extraordinario), pp: 161\_177, 2005.

CERVANTES, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha I*. Madrid: Editorial Castalia, S.A, España, 1987/1605.

CERVANTES, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha II*. Madrid: Editorial Castalia, S.A, España, 1994/1615.

FUCHS, B. Transvestism and "Passing" in *Don Quijote*. *Bulletin of the Cervantes Society of America*, pp: 4-28, 1996.

GIRÁLDEZ, A. La economía global y "El Quijote". *Revista de Historia Económica*, Año XXIII (Extraordinario), pp: 101\_138, 2005.

LÓPEZ, José García. *Historia de la Literatura Española*. 20ª ed. Barcelona; España: Ed. Vicens-Vives S.A., 1996.

MANCING, H. Cervantes as Narrator of Don Quijote. *Bulletin of the Cervantes Society of America*, Vol. 23, 2003.

MANTECÓN MOVELLÁN, T. A. La economía del castigo y el perdón en tiempos de Cervantes. *Revista de Historia Económica*, Año XXIII (Extraordinario), pp: 69\_97, 2005.

MARTÍN CORRALES, E. De cómo el comercio se impuso a la "razzia" en las relaciones hispano\_musulmanas en tiempos del quijote: hacia la normalización del comercio con el norte de África y el levante otomano a caballo de los siglos XVI y XVII. *Revista de Historia Económica*, 2005; Año XXIII (Extraordinario), pp: 139\_159, 2005.

OCAMPO SUÁREZ\_VALDÉS, J. La historia (económica) interminable del tiempo de Cervantes. *Revista de Historia Económica*, Año XXIII (Extraordinario), pp: 13\_44, 2005.

YUB CASALILLA, B. Economía moral y gestión aristocrática en tiempos del Quijote. *Revista de Historia Económica*, Año XXIII (Extraordinario) Pp: 45\_68, 2005.

---

<sup>1</sup> A autora é professora de língua espanhola do Centro Universitário Toledo de Araçatuba, São Paulo. Especialista em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP – São José do Rio Preto, mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP.

<sup>2</sup> Tradução minha.

<sup>3</sup> Tradução minha.

<sup>4</sup> Tradução minha.

<sup>5</sup> Tradução minha.